

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Conselho Editorial
M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente*
WILSON FIGUEIREDO — *Vice-Presidente*

Conselho Consultivo
FRANCISCO DE SÁ JÚNIOR
FRANCISCO GROS
JOÃO GERALDO PIQUET CARNEIRO
JORGE HILÁRIO GOUVEA VIEIRA

DACIO MALTA — *Editor*
MANOEL FRANCISCO BRITO — *Editor Executivo*
ROSENAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*
ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

SÉRGIO RÊGO MONTEIRO — *Diretor*

Os Dois Brasis

O país amanheceu estarecido com a foto de oito senadores às gargalhadas, na sala de café da Câmara Alta, por terem feito o Brasil refém de seus interesses subalternos. Os termos da extorsão eram apresentados em alto e bom som: só aprovamos o nome de Persio Arida para o Banco Central se a Câmara aprovar a anistia a Humberto Lucena e aos outros 14 senadores e um deputado que usaram a gráfica do Senado para imprimir propaganda eleitoral.

A pose exibida do alegre e irresponsável grupo — majoritariamente formado de não reeleitos e acusados da mesma irregularidade que levou ao cancelamento do registro eleitoral de Lucena — era de quem aguardava o pagamento do resgate.

Os chantagistas se pavoneavam: num dos pratos da balança, a estabilidade da moeda, no outro os 130 mil calendários e outros tantos santinhos; de um lado, a honra, o decoro, o interesse público, a obediência às leis que eles mesmos aprovaram, do outro, o corporativismo, o tratamento de exceção, o casuismo espúrio, a autopromoção com o dinheiro do contribuinte. Um dos senadores sussurava: "mais importante do que o presidente do Banco Central é a cadeira de Humberto".

Existe então o Brasil dos novos tempos, o Brasil que aspira a um guardião da moeda independente de injunções, o Brasil que estuda na USP, na PUC, no MIT e o Brasil de olho na cadeira do Humberto — que é o desses senadores dos grotões, que se elegem para enriquecer, se cevam no cambalacho e pretendem demonstrar que o Brasil não vai, não pode, não deve mudar.

Num livro clássico, justamente chamado *Os dois Brasis* (1959), o sociólogo francês Jacques Lambert descreveu os riscos implícitos na sociedade dualista e contrastante deste país. O receio, na época, era de que na luta entre o Brasil velho, agrário, marcado pelo escravismo e pela parentela e o Brasil do Centro-Sul, industrial, meritocrático, competitivo, o vencedor fosse o país atrasado.

Ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos, em que o Norte impôs pelas armas a sociedade industrial ao Sul das plantações e dos escravos, temia-se que no Brasil o vento levasse a sociedade fabril e febril, nos deixando com os corações e mentes dos engenhos e mocambos.

No momento mesmo em que o Brasil moderno

parece emergir com a eleição de Fernando Henrique Cardoso, ressurgem os velhos fantasmas do Brasil progressivo e entrevado, reunindo brancaleonicamente os coronéis do privilégio e da falcatura, com o projeto de sabotar o novo.

Este é o significado profundo da rebelião dos senadores retrógrados, articulada por Alexandre Costa (PFL-MA) e Alfredo Campos (PFL-MG) com a adesão de Magno Bacelar (PDT-MA), Ronaldo Aragão (PMDB-RO), Lucidio Portella (PPR-PI), Saldanha Derzi (PRN-MS), Valmir Campello (PTB-DF), Carlos Patrocínio (PFL-TO), Ney Maranhão (PRN-PE), Mansueto de Lavor (PMDB-PE) e outros "regressistas".

A motivação dessa escória mistura ressentimento e petulância. O senador Alfredo Campos, por exemplo, no fundo não vota a rolagem da dívida que beneficiaria seu estado, menos para defender Lucena do que para punir o eleitorado que o derrotou nas urnas. Ney Maranhão foi declarado inelegível pelo mesmo delito eleitoral cometido pelo atual presidente do Congresso. Alexandre Costa (denunciado como anão do Orçamento pelo próprio José Carlos Alves dos Santos) é também processado por uso indevido da gráfica. E assim por diante.

Evidentemente, se a CPI do Orçamento tivesse levado a faxina que prometeu às últimas consequências, esta súcia de atravessadores seria hoje bem mais reduzida. Meias medidas e conchavos dão nisso: a matula logo se reorganiza. O próprio pivô deste patético episódio, o senador Humberto Lucena, não fugiu do plenário, chegando mesmo a apelar aos "amigos" para que não colocassem suas peles acima dos interesses do Brasil. Valeu o apelo, embora endereçado às galerias.

Isto tudo é um escárnio, uma vergonha, uma afronta, cometida pelo pior segmento de uma das piores representações que já passaram pelo Senado Federal. Que importa se 11 embaixadores continuam aguardando a aprovação de seus nomes, deixando vagos importantes postos no exterior? Ou que o economista Francisco Lopes continue na lista de espera para desempenhar importantes funções no Banco Central? Nada, absolutamente nada. O que importa é a represália para proteger a cadeira do Humberto e derrubar o Brasil moderno — e, se possível, eleger José Sarney para a presidência do Senado do Brasil do atraso.